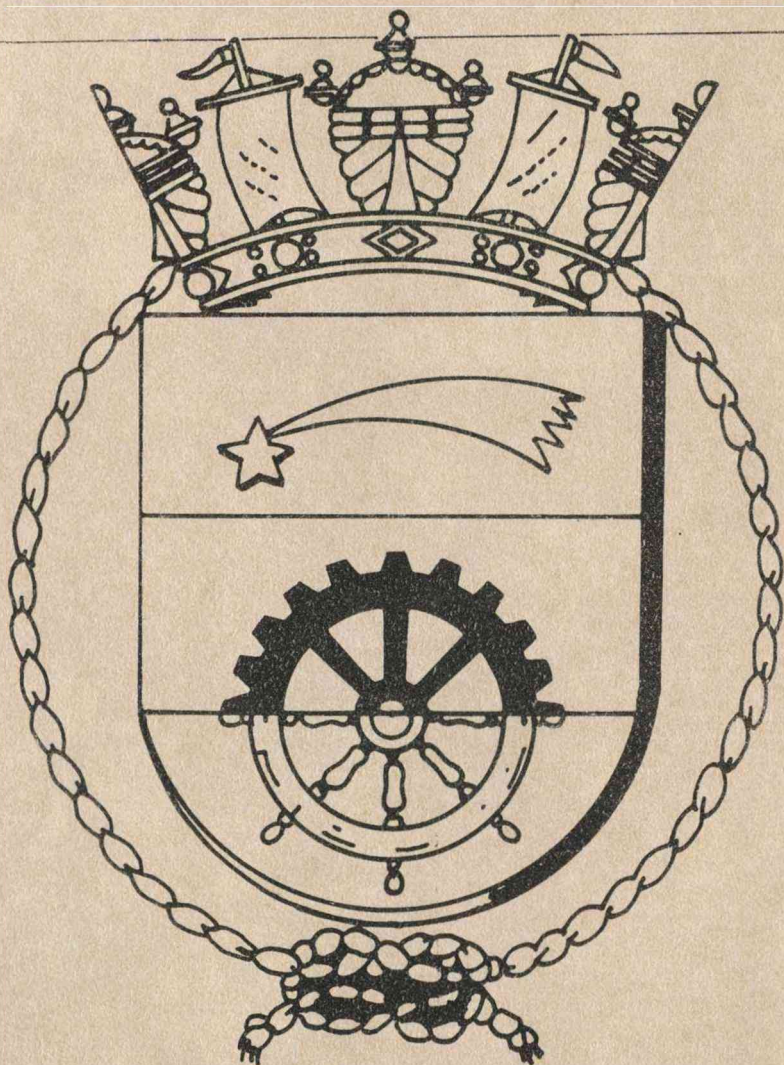


BASE ALMIRANTE ARY PARREIRAS (1941-1991)



FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

**BASE ALMIRANTE ARY PARREIRAS
(1941 – 1991)**

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

BASE ALMIRANTE ARY PARREIRAS CINQUENTENÁRIA

IAPERI ARAÚJO

Presidente da Fundação José Augusto

A Base Almirante Ary Parreiras completa seu cinquentenário de presença marcante na vida da Cidade do Natal e a Fundação José Augusto não poderia ficar omissa a tão significativo evento, importante marco de nossa História contemporânea.

Localizada no antigo Refoles, toponímia corruptela do corsário francês Jean Jacques Riffault, a Base Almirante Ary Parreira assinalou nas margens do nosso Rio Potengi a presença brasileira na II Guerra Mundial, assumindo um papel de preservação da nacionalidade, à medida em que as Forças Militares Aliadas eram aquarteladas em Natal e Parnamirim, como trânsito para a Campanha da África.

A antiga Base Naval de Natal ao receber a denominação que homenageou seu antigo Comandante e construtor Almirante Ary Parreiras, fez um reconhecimento público ao ilustre brasileiro e bravo militar, que com tanto denodo fez erguer em nossa cidade, uma instalação militar das mais expressivas para a vitória aliada na Grande Guerra Mundial.

O Mestre Câmara Cascudo dizia do Almirante Parreiras que ele "criou tudo, — terra, clima, ritmo, força realizadora, obstinação, ditadura da honestidade, mística do sacrifício silencioso, discreto diário. Foi o inexcelsível **Velho Ary**".

Essa presença marcante em Natal, importante teatro do cenário da guerra, onde eram preparados planos defensivos e cumpriam trânsito navios e fortalezas voadoras, militares das mais diferentes nacionalidades, brasileiros das mais diferentes classes, inclusive humildes operários que construíram tanto a Base Naval quanto a Base Aérea de Parnamirim e até artistas de cinema e cantores, fazia a efervescência da época, numa intensa vivência que obrigava a cidade a crescer a fim de abrigar tantos e tão diferentes cidadãos **pro tempore**.

Essa data cinquentenária da Base Almirante Ary Parreiras, tem significado de lembrança e restauração de nossa memória e nacionalidade e dificilmente poderemos dissociar sua presença da figura ilustre e inesquecível do Almirante Ary Parreiras.

Assim, a Fundação José Augusto a homenageia, com esse documento que reúne depoimentos e notícias de jornais da época, numa tentativa, mesmo simples, de um registro, dessa significativa presença na vida e na História da Cidade do Natal.

BREVE HISTÓRICO DA BASE NAVAL DE NATAL

JEANNE NESI

Diretora do Centro de Documentação Cultural da FJA

A Base Naval de Natal foi construída por iniciativa do Governo Federal, em cumprimento ao programa de defesa nacional, por ocasião da 2ª Guerra Mundial.

A área onde foi construída a Base pertencia ao Ministério da Marinha, tendo sido adquirida em 1908, para nela ser instalada a Escola de Aprendizes Marinheiros do Rio Grande do Norte.

Em 1941, quando se cogitou da construção da Base Naval de Natal, achavam-se instalados naquela área, além da Escola de Aprendizes Marinheiros, 2 depósitos de inflamáveis da Prefeitura Municipal e a Base de Hidroaviões da companhia Air France, em terrenos cedidos, a título precário, pelo Ministério da Marinha.

Em maio de 1941, foi nomeada uma comissão, com a finalidade de dar execução imediata à construção da Base Naval de Natal, tendo sido nomeados para compô-la, a cap.mg. Ary Parreiras, o cap. frag. Oscar Leite de Vasconcellos e o cap. corv. Oswaldo Osiris Storino.

Cerca de três meses depois, o cap. corv. Storino pediu dispensa da Comissão, tendo sido substituído pelo cap. frag. César Maurity da Cunha Menezes, sendo também designados para integrarem a referida Comissão, os cap. corv. Mário de Oliveira Pena e Cid Homero de Miranda.

Concluídos os estudos preliminares referentes à instalação da Base, a sede da Comissão foi transferida do Rio de Janeiro para Natal.

As primeiras providências tomadas pela Comissão, em Natal, foram o tombamento dos Próprios Nacionais do Ministério da Marinha e a regularização do terreno onde a base seria instalada. Foram desapropriadas as instalações da Air France e adquiridas novas áreas, anexas ao terreno do Ministério. Ficou a área total disponível para a construção da Base, com 629.935,43 m².

Em outubro de 1941, foram iniciadas as obras de construção, com a dragagem da bacia de manobras e do canal de acesso entre o Porto de Natal e o terreno da Base, bem como a construção do cais de enrocamento e um "pier" de concreto armado, para servir de enrocamento

Segundo o "Relatório dos Trabalhos efetuados para Instalação e Funcionamento da Base Naval de Natal", datado de 9 de janeiro de 1945, de autoria do Diretor-Geral da Base, alm. Ary Parreiras, no período compreendido entre outubro de 1941 e dezembro de 1944, foram realizadas as seguintes obras naquela base:

Construções: cais, pier, edifícios para o depósito naval; alojamentos de oficiais e suboficiais, quartel de marinheiros; administração, paiol de mantimentos, câmaras frigoríficas e cantina; Hospital Naval e 17 casas para oficiais, suboficiais e Diretor Geral; casa de força, casa para bomba, muro de vedação, postes de sinais; campos de desportos; pavilhões para armazenamento de materiais e armamentos; Escola de Tática Anti-submarina; estação transmissora e receptora; administração, alojamento de alunos, pavilhões para aula e para rancho; poço tubular, reservatório d'água e hangares.

Adaptações: da antiga Escola de Aprendizes Marinheiros, para servir de Quartel da 3ª Cia. Regional de Fuzileiros Navais; do antigo pavilhão da estação de rádio, para alojamento da guarda; e do antigo galpão da "Standard Oil", para depósito de material pesado.

Além de serviços de pavimentação, aterros, ajardinamento e instalações elétricas e hidráulicas.

Em agosto de 1942, foi assinado um contrato para a construção de um dique seco, equipamento de vital importância nos serviços de manutenção de navios. O dique, porém, não pôde ser construído, devido às dificuldades ocasionadas pelo controle, estabelecido pelo governo dos Estados Unidos, sobre a produção e exportação do material necessário à execução do projeto.

A dificuldade representada pela inexistência de um dique foi superada a 31 de outubro de 1943, com a vinda de um dique flutuante, proveniente da 4ª Esquadra Americana.

Em março de 1944, novamente foi cogitada a construção do dique seco, desta vez utilizando-se o material existente no mercado nacional. Ocorreu uma nova frustração, devido à falta de coordenação necessária à execução do serviço, por parte das firmas comerciais. A Base permanece sem dique seco, até os dias atuais.

O Almirante Ary Parreiras, realizador do gigantesco trabalho de construção da Base Naval de Natal, deixou o cargo de Diretor-Geral da referida base em 28 de abril de 1945, tendo regressado ao Rio de Janeiro, com a certeza do dever cumprido.

Faleceu pouco tempo depois, em 9 de julho do mesmo ano. Trinta e seis comandantes sucederam ao Almirante Ary Parreiras, na Base Naval de Natal. O seu sucessor, nos dias atuais, é o ca.m.g. Rubens de Carvalho Costa Filho, que ocupa o cargo desde 12 de outubro de 1989.

FONTES: "Relatório dos Trabalhos efetuados para Instalação e Funcionamento da Base Naval de Natal", do Almirante Ary Parreiras, Natal, 1945; jornal A REPÚBLICA, de 27.05.1941; informações gentilmente prestadas pelo cap.m.g. Rubens de Carvalho Costa Filho, comandante da Base Naval de Natal; pelo cap. corv. John Berriel Rodrigues, chefe do Departamento de Intendência; e pelo cap. corv. Carlos Antônio Coimbra, diretor da Escola de Formação de Reservistas Navais.

A guerra anti-submarino



Foi um grande acontecimento a cerimônia de entrega do CS-1 e CS-2, em setembro de 1942, feita pelo Almirante Ary Parreiras, com a presença do General Augusto Córdova de Faria, comandante da Guarnição do Exército

ARY PARREIRAS E A BASE NAVAL DE NATAL

ISRAEL DE OLIVEIRA

Capitão-de-Mar-e-Guerra (IM-R-Rm)

Os documentos disponíveis nos levam a afirmar que o Almirante Ary Parreiras esteve duas vezes em Natal. A primeira, como segundo-tenente, embarcado no contratorpedeiro Piauí, quando aqui estacionou por dois meses. A segunda, já então contra-almirante, voltou como presidente da Comissão de Instalação desta Base, ficando aqui por quase quatro anos.

Por ironia do destino, as duas oportunidades foram criadas pelos dois conflitos mundiais. Na primeira vez, aqui aportou como segundo engenheiro-maquinista do Contratorpedeiro Piauí, o qual, em companhia do Contratorpedeiro Santa Catarina, entrou à barra de Natal precisamente a 25 de maio de 1918. A esses dois navios juntaram-se, dias depois, os Contratorpedeiros, de mesma classe, Paraíba e Rio Grande do Norte, que daqui zarparam a 25 de julho, com destino a um ponto de reunião no mar com os Cruzadores Bahia e Rio Grande do Sul e os Navios Auxiliares Belmonte e Laurindo Pitta. Essas unidades, que constituíam a Divisão Naval de Operações de Guerra, a chamada DNOG, sob o comando do Almirante Pedro Max Fernando de Frontin, foram a principal contribuição militar do Brasil à causa aliada, na Primeira Guerra Mundial. A DNOG fez escalas em Fernando de Noronha e Freetown e teve como ponto de apoio de suas operações Dacar.

Vinte e três anos depois, em maio de 1941, por força de um novo e muito mais abrangente conflito mundial, voltou a Natal para realizar uma missão, quase impossível — implantar uma base, que já devia existir, para atender às necessidades de apoio requeridas pela Marinha, nesta área reconhecidamente estratégica.

Para que se possa fazer um julgamento da luta do Almirante Ary Parreiras nesta comissão, é indispensável proceder-se a uma avaliação das condições de Natal naquela época.

A fim de lhes dar uma idéia do que era a pequenina e modesta Natal de 1941, valho-me de alguns trechos do anexo do Ofício nº 62, de 4 de abril de 1941, do Chefe do Estado-Maior da Armada ao Ministério da Marinha:

“A Cidade de Natal não possui, ainda, elementos próprios de vida. Estabelecida que seja uma base naval, e principalmente na eventualidade de uma guerra, freqüente terá de ser o apelo aos recursos do grande centro comercial e industrial do Nordeste, que é a Cidade do Recife. É indispensável, portanto, estabelecerem-se todas as facilidades de comunicação entre as duas cidades, desde as telefônicas até às rodoviárias e, principalmente, as ferroviárias. A via férrea existente é de tão precárias condições, que é como se não existisse”.

Em outro expediente, datado de 5 de maio, a mesma autoridade expõe ao Ministério da Marinha a situação quanto à energia elétrica nos seguintes termos:

“A energia elétrica é insuficiente para a cidade, a qual só pode dispor de 200 kw. A usina da cidade possui duas caldeiras queimando lenha, sendo uma delas nova e três turbogeradores com 600 kw”.

A esta carência quase absoluta de recursos técnicos e de mão-de-obra deve ser acrescentado um fator agravante para execução da construção desta Base. Os americanos começavam, também as grandes obras de Parnamirim e, assim, o escasso mercado de trabalho de mão-de-obra qualificada era natural e fortemente atraído pela abundância de recursos em dólares, que eles despendiam com seus empreendimentos na área.

Se eram, assim, críticas e adversas as condições locais para o cumprimento da missão que o Almirante Ary Parreiras fora confiada, para felicidade da Marinha e, particularmente, para a Força Naval do Nordeste (o maior conjunto de navios sob comando único, até hoje, na Marinha), dois importantes e decisivos fatores se conjugaram para torná-la exeqüível, apesar de a muitos parecer impossível. Primeiro, o homem escolhido para a missão estava à altura dela. Segundo, a delegação de autoridade plena de que foi investido pelo Ministério da Marinha, Almirante Henrique Aristides Guilhem, a quem ficou diretamente subordinado por toda a comissão, permitia-lhe ampla liberdade de ação e acesso direto e rápido ao centro do processo decisório da Marinha.

As primeiras providências de ordem pessoal, do Almirante Ary Parreiras deixaram perplexa a comunidade. Alugou uma casa bem modesta para sua moradia, próxima do seu local de trabalho, a Escola de Aprendizes-Marinheiros, cujas instalações usou como núcleo à transformação dessa unidade em base naval. Adotou uma rotina de trabalho intensa, o que iria ser uma constante em todos os dias de sua permanência em Natal, e restringiu suas atividades sociais ao mínimo exigido pelas suas obrigações oficiais. Era o seu estilo de vida: modesto, simples, retraído, devotado totalmente aos seus deveres profissionais.

Da Escola, em extinção, tirou todo o partido possível para o seu trabalho. A última turma de 100 aprendizes-marinheiros, da qual tive a fortuna de ser o aluno número um, foi mobilizada tanto para os serviços de secretaria, quanto para as primeiras movimentações de terra necessárias à obra. Todos os dias, às 6 horas, após a ginástica, parte dos alunos guarnecia enxadas, pás e carrinhos de mão, e, até às 7 horas, dava sua ajuda ao início do empreendimento.

Começava, assim, o Almirante Ary Parreiras a obra que o iria consagrar definitivamente na Marinha, embora com o sacrifício da própria vida.

Do Relatório final que apresentou ao Ministro da Marinha, sobre os trabalhos efetuados para instalação e funcionamento desta Base, extraio os seguintes dados:

Terreno: Iniciou com uma área disponível de 246.108 m² e terminou com uma área de 629.935 m², perfeitamente legalizada. Isto é, com mais do dobro da que encontrou.

Obras realizadas:

1. Dragagem da bacia de manobra, em frente à Base e do canal de acesso entre a Base e o porto comercial.
2. Cais de enrocamento com 150 m de extensão.
3. Ponte de atração em L, de concreto armado, com um vão de acesso de 80 m e cais acostável de 264 m de extensão.
4. Aterro da área ganha ao mar com o enrocamento.
5. Aterro e pavimentação do antigo hangar da Air France.
6. Montagem dos três hangares, vindos do Rio de Janeiro, com área coberta de 3.000 m².
7. Edifício do Depósito Naval, com 1.882 m² de área coberta.
8. Edifício para casa de força, com área coberta de 460 m².
9. Adaptação do antigo galpão da Standard Oil para depósito de material pesado, com a área útil de 383 m².
10. Linhas adutoras para óleo de caldeiras.
11. Linhas adutoras para óleo diesel.
12. Linhas para drenagem de águas pluviais.
13. Reconstrução e ampliação do prédio da antiga Escola de

Aprendizes para servir de quartel para a Terceira Companhia Regional de Fuzileiros Navais.

14. Alojamento para oficiais (área coberta de 731 m²).
15. Edifício para o Comando (área coberta de 924 m²).
16. Alojamento para suboficiais (área coberta de 731 m²).
17. Quartel de marinheiros (área coberta de 1.285 m²).
18. Paiol de mantimentos, câmaras frigoríficas e cantina (383 m²).
19. Pavilhão para armazenamento de material de armamento.
20. Edifício para a Escola de Tática anti-Submarino (1.016 m²).
21. Estação-rádio (243 m²).
22. Hospital naval (área de 717 m²).
23. Poço tubular para abastecimento d'água e dois reservatórios subterrâneos com capacidade de 240.000 litros.
24. Quatro tanques para combustível, com capacidade de 3.200.000 litros cada, sendo dois na Base e dois nos terrenos do radiofarol.
25. Centro de treinamento, com quatro pavilhões, com área útil de 2.555 m², posto de sinais, campo de esportes, com arruamento, pavimentação e ajardinamento.
26. Oficinas de ferro e aço, eletricidade, mecânica, carpintaria, rádio e sonar, devidamente equipadas.
27. Dezessete casas para oficiais e suboficiais.
28. Rebocador de alto-mar para socorro marítimo e cinco lanchas.

Na execução dessas obras e aquisição de equipamentos, o Almirante Ary Parreiras despendeu cerca de Cr\$ 22.252.000,00 e recebeu da Comissão Naval em Washington alguns itens no valor de US\$ 319.000.

Trazendo esses valores para hoje 1991 e os transformando na nossa atual moeda, podemos, com certa aproximação, estimar que o custo inicial desta Base foi de cerca de Cr\$ 359.909 milhões.

Se a quantidade de obras foi bem pior do que o programa inicial e se o custo se apresenta bem modesto, o que impressiona na obra do Almirante Ary Parreiras é a rapidez de execução. Custa acreditar que após apenas 15 meses de trabalho aqui pudessem ser recebidos e apoiados os Caça-Submarinos Guaporé e Gurupi, os dois primeiros navios, das 24 unidades que receberemos do Governo americano, mediante os termos do Acordo Brasil-Estados Unidos, e com os quais, então adequadamente equipados, pôde a Marinha melhor cumprir as missões de vigilância da costa e proteção ao nosso tráfego marítimo contra a ação dos submarinos inimigos, que afundaram 32 navios mercantes nossos, com a perda de 973 vidas.

Vale aqui e agora ressaltar que, de total de 3.164 navios conduzidos em comboio pela nossa Marinha, perdemos apenas três.

Se o volume de obras e equipamentos, seu baixo custo e a rapidez de execução nos impressionam na análise da ação do Almirante Ary Parreiras, muito mais admiração nos causam certas atividades, as quais ele denominou de serviços de caráter geral em seu Relatório, entre as quais julgo indispensável citar:

Em 1942 — Organização e treinamento da Terceira Companhia Regional de Fuzileiros Navais.

— Preparo da turma de grumetas, procedentes da Escola do Ceará, para guarnecer caça-submarinos.

— Seleção e preparo das guarnições dos caças e encaminhamento para Miami.

— Formação dos quadros de operários para as oficinas.

Em 1943 — Início dos serviços de reparo e manutenção dos caça-submarinos.

— Incorporação e instrução de 470 aprendizes e conscritos.

Em 1944 — Alistamento de 450 voluntários.

— Preparo de 848 grumetes procedentes das Escolas do Ceará, Pernambuco e Bahia.

— Docagem de 68 navios durante o ano. (A Base passou a dispor de um dique flutuante).

— Preparo inicial e encaminhamento a Miami dos oficiais e guarnições para os Contratorpedeiros classe Bertioiga.

— Início dos serviços de reparo e manutenção dos oito Contratorpedeiros classe Bertioiga.

Os eventos citados, creio, são suficientes para dar-nos uma idéia daquilo que o Almirante Leôncio Martins, que aqui serviu, chamou de “epopéia silenciosa às margens do Rio Potengi”. Um fato narrado por este companheiro bem demonstra o espírito de guerra, dedicação ao serviço e eficiência que o Almirante Ary Parreiras conseguiu obter dos seus homens, graças à sua incontestável liderança:

“Chegando um caça para reparo ou revisão, a Base comunicava ao comandante da força a data da prontificação do navio, reservando sempre uma lazeira de cinco ou seis horas depois da experiência final, a fim de qua houvesse tempo de se corrigir qualquer senão ou imprevisto. De uma feita, dois caças e um contratorpedeiro deveriam estar prontos em certa noite. Nas experiências processadas durante o dia, verificou-se que todas as juntas das cabeças dos cilindros tinham defeitos de fabricação, produzindo vazamento. Era mister que se abrissem mais de 60 cilindros

para se mudar as juntas. Um reparo de tal extensão, depois das experiências não era previsto.

Não houve contudo, em nenhum instante, a idéia de se pedir licença para transferir a data da prontificação dos navios. O Almirante se instalou na ponte, todo o pessoal na Base — de oficinas, de reparos e de almoxarifado — foi chamado e avisado de só se pararia de trabalhar quando os navios ficassem prontos. Um saiu às 11 horas, outro às 3 da manhã e o último às 5 da madrugada, exatamente na noite para a qual a prontificação estava marcada”.

Era assim o criador de a Base. Foi assim, muito além da missão que lhe foi confiada, que ele, a 28 de abril de 1945, deixou o cargo de diretor-geral desta Base, regressando ao Rio de Janeiro, onde chegou a 3 de maio, sendo promovido a vice-almirante quatro dias depois. Infelizmente, muito pouco tempo sobreviveu após sua árdua luta aqui. Faleceu a 9 de julho, portanto, com pouco mais de dois meses de sua saída de Natal e contando menos de 55 anos de idade.

Para finalizar, julgo oportuno transcrever as duas citações que, ao meu ver, são as mais relevantes, entre as muitas que recebeu, a primeira do Ministro da Marinha, datada de 9 de maio de 1945, nos seguintes termos:

“Tendo sido exonerado do cargo de diretor-geral da Base Naval de Natal, cargo que exerceu depois do de presidente da Comissão de Instalação da mesma Base, até a sua terminação, durante cerca de 4 anos, com dedicação e competência, é com a maior satisfação que faço ressaltar os relevantes serviços prestados por ele à Marinha. A orientação inteligente que soube imprimir aos trabalhos de construção e organização da Base Naval de Natal e a preparação dos conscritos nas várias especialidades constituíram serviços apreciáveis, prestados pelo Almirante Ary Parreiras, tornando-se merecedor do elogio que ora lhe faço”.

A segunda, mais valiosa, por ser de origem externa, está assinada pelo Presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, e pelo seu Secretário de Marinha, James Forrestal — é a comenda da Legião do Mérito daquele país, no grau de Comandante, assim redigida:

“Legião do Mérito, grau de Comandante, conferida ao Contra-Almirante Ary Parreiras, da Marinha brasileira, por conduta excepcionalmente meritória no desempenho de serviços extraordinários, prestados ao Governo dos Estados Unidos, como chefe da Comissão de Instalação da Base Naval de Natal, de 8 de maio de 1941 a 16 de março de

1944, e, subseqüentemente, como comandante dessa atividade. Empregando um julgamento seguro, acentuada visão e conhecimento técnicos superiores, o Contra-Almirante Ary Parreiras planejou e dirigiu com eficiência a construção da Base Naval de Natal, para a manutenção de todos os navios combatentes do Brasil e dos Estados Unidos, em operações nesse porto. Com sua energia infatigável, sua direção inspiradora e cooperação total, ele contribuiu em grande escala para os feitos das Forças do Atlântico Sul e para a consecução bem sucedida da guerra em uma área altamente estratégica”.

INICIAR-SE-ÃO, DENTRO DE BREVES DIAS, OS TRABALHOS DE CONSTRUÇÃO DA BASE NAVAL DE NATAL

Já estão sendo ultimados pelas autoridades competentes os preparativos para o início da construção da base naval desta capital.

Anunciado oficialmente em discurso pronunciado pelo sr. Almirante Aristides Guilhem, ministro da Marinha, quando de sua recente visita a este Estado, esse importante aparelhamento para a defesa do país entra agora, assim, na fase das realizações práticas, tendo sido já designado para a chefia dos serviços de sua construção o contra-almirante Ary Parreiras.

A viagem desse ilustre oficial da Armada está marcada para dia bastante próximo, vindo s. excia. acompanhado de técnicos e engenheiros navais.

A iniciativa do Governo da República do estabelecimento de uma base militar marítima em Natal, ponto estratégico do país e do continente, dada a sua proximidade da Europa e da África atualmente convulsionados pela guerra, denota claramente o seu justo senso das realidades do mundo contemporâneo.

Nação estritamente neutra frente ao tremendo conflito, nem por isso devemos descuidar da defesa do nosso território, o que vale dizer, da nossa independência e da nossa liberdade.

A base naval de Natal representa apenas, assim, uma etapa do grande programa de defesa nacional que os atuais dirigentes da república se propõem levar a cabo.

Outras bases se construirão em portos do Brasil, no cumprimento desse programa. Virá a nossa em primeiro lugar porque, incontestavelmente, este é o ponto vital, o mais importante do próprio continente, e o governo teve em mira precipuamente

este aspecto do problema, isto é, prover de sistemas e organizações defensivas os lugares onde os mesmos mais se faziam ou fazem necessários.

A REPÚBLICA — 27/05/1941

EM NATAL O CONTRA-ALMIRANTE ARI PARREIRAS
O ILUSTRE MILITAR DEMORAR-SE-Á NESTA CAPITAL CERCA
DE UM MÊS

Em avião das Forças Aéreas Brasileiras, chegou, ontem a Natal, em companhia de sua exma. família o contra-almirante Ari Parreiras, designado para dirigir nesta cidade a construção da base naval.

A demora do ilustre militar, em nosso Estado, deverá ser de um mês, durante o qual tomará as medidas iniciais ao cumprimento da alta missão de que está investido.

S. Excia. foi recebido no Campo de Parnamirim pelo exmo. sr. Interventor Aldo Fernandes, que se fez acompanhar do capitão José Bezerra, ajudante de ordens, comandantes Samuel Brasileiro da Silva, Capitão dos Portos Valdemar de Araújo Mota, comandante da Escola de Aprendizes marinheiros dr. Odilon Garcia, agente do Loide, e Rui Paiva, agente da Costeira, e representantes da imprensa.

Vindo para esta capital, o contra-almirante Ari Parreiras está hospedado no "Grande Hotel".

A REPÚBLICA apresenta à prestigiosa figura da nossa Marinha de Guerra respeitosos cumprimentos.

A REPÚBLICA — 21/06/1941

O INTERVENTOR FEDERAL OFERECIU ONTEM DO "GRANDE
HOTEL" UM JANTAR INTIMO AO CONTRA-ALMIRANTE
ARÍ PARREIRAS

O Interventor Federal, interino, dr. Aldo Fernandes, ofereceu ontem, às 19 horas no "Grande Hotel", um jantar íntimo ao contra-almirante Ari Parreiras, chefe da Comissão de instalação da base naval de Natal, que se encontra há alguns dias nesta cidade em cumprimento da alta missão que lhe confiou o governo da República.

Essa homenagem do chefe do Estado ao ilustre oficial da Armada, teve a presença, além de s.s. excias., que estavam acompanhados das suas exmas. esposas, dos srs. capitães de

corveta Ari Rangel, chefe da comissão de levantamento hidrográfico, Osvaldo Storine, membro da Comissão de instalação da base naval, Valdemar de Araújo Mota, comandante da Escola de Aprindizes Marinheiros e exma. esposa, Samuel Brasileiro, Capitão dos Portos, capitão tenente Nelson Fernandes, representando o capitão de corvêta Sílvio Mota, comandante do navio hidrográfico "Rio Branco", major Samuel Pires, comandante da guarnição federal e exma. esposa, comandante André Fernandes, chefe de Polfcia, exma. esposa, desembargador Virgílio Dantas, presidente do Tribunal de Apelação, dr. Paulo de Viveiros, presidente do Departamento Administrativo, sr. Mário Eugênio Lira, prefeito de Natal e exma. esposa, dr. Américo de Oliveira Costa, chefe do Gabinete da Interventoria Federal, Capitão José Bezerra, ajudante de ordens do Interventor Federal, professor Francisco Veras, representante D^o"A Ordem" e Aderbal França, representante da Agência Nacional e da A REPÚBLICA.

Durante o jantar tocou no salão do "Grande do Hotel" uma orquestra sob a batuta do professor Paulo Lira.

A REPÚBLICA — 26/06/1941

ATÉ LOGO ALMIRANTE ARY PARREIRAS

JACK ELLIS

"Captain" do Exército Americano

Em nossa vida, muitas vezes passamos por estados bem diferentes de espírito e alma. Temo-los alegres, impulsivos, barulhentos, temo-los tristes, deprimidos, temo-los saudosos e consternados.

Foi um estado de espírito saudoso e consternado o que nos assaltou quando nós, americanos sediados em Natal, soube-mos que o Almirante ARY PARREIRAS iria deixar a Base Naval.

O almirante Ary Parreiras foi o primeiro oficial da Marinha Brasileira que veio dirigir a guerra contra os inimigos das Nações Unidas em Natal e tem sido sempre o mesmo, dinâmico, empreendedor, justo, simples.

Em Natal, o Almirante Ary Parreiras tem o mesmo prestígio que em todo o Brasil, pelas suas excepcionais qualidades de correção e justiça. Mas em virtude de outras razões, aqui em Natal, o Almirante gosa de outra espécie de prestígio: o prestígio do defensor, do protetor.

Quando o Brasil foi atacado pelo Eixo, não havia em Natal, posição chave nas rotas marítimas e aéreas, uma Base Naval capaz de atender aos serviços dos navios em operações.

As linhas de navegação ficaram seriamente ameaçadas, quasi paralizadas; o comércio sentia, o povo sofria; as costas brasileiras estavam ameaçadas, até mesmo de invasão; com a cessação das vias de abastecimento, o próprio espectro da fome pairava sobre Natal e o Rio Grande do Norte, que se supre dos centros produtores do sul com as quais seu único contacto era o mar, pela via marítima.

O povo, angustiado, compreendia a situação e sabia que a salvação somente poderia vir da Marinha de Guerra, a quem cabia retomar o domínio dos mares, limpando as rotas de navegação.

O governo brasileiro também sabia disto e já tinha agido para salvaguardar a integridade do solo e a tranquilidade da população brasileira.

A Marinha, que já estava vigilante e ativa, redobrou de atividade e, pouco a pouco foi varrendo o inimigo dos mares. Já fôra decidida a construção de uma base Naval em Natal e, para dirigi-la, o Governo Brasileiro fôra buscar um dos oficiais de mais prestígio e de brilhante fé de ofício da Marinha Brasileira — o Almirante Ary Parreiras. Pelos seus antecedentes esse oficial era uma garantia de ação eficiente e serena, no ponto brasileiro mais próximo do inimigo, que era Natal, o trampolim para a África, então totalmente dominada pelos alemães e italianos.

Veio então o Almirante Parreiras para Natal. Não vamos falar neste artigo do que foi a sua atividade como profissional. Não é necessário. Mais do que palavras aí estão, aos olhos de todos, num atestado flagrante as instalações grandiosas da Base Naval, surgidas do nada como um encanto, construídas sob as maiores dificuldades e em pouco tempo. Tudo isso é um preito eloquente embora mudo, ao dinamismo, ao espírito de empreendimento e organização, à capacidade de trabalhar e fazer trabalhar do seu Diretor.

O nosso objetivo aqui é render o nosso reconhecimento ao homem bom e generoso, ao cidadão das Democracias, ao amigo paternal que sempre tivemos no Almirante Ary Parreiras.

Vimo-lo em funções diplomáticas, com simplicidade extraordinária, quando recebia do governo americano e em nome do governo brasileiro as inúmeras novas unidades que foram aqui transferidas para a Marinha Brasileira.

Vimo-lo de olhos úmidos de emoção, quando permanecia em sentido, prestando continência às Bandeiras brasileira e

americanas nas cerimônias que se realizaram em Natal.

Testemunhamos pessoalmente os sentimentos democráticos desse grande cidadão, quando em sua residência, recebia brasileiros e americanos.

Notamos a sua fisionomia grave e serena quando assistia aos funerais dos militares americanos que aqui perderam suas vidas pela democracia e percebemos que nessas ocasiões ele sentia a perda daqueles soldados como se cada um deles fosse seu próprio filho.

Que homem nobre!

Vimo-lo permanecer sob a chuva em nosso aeroporto enquanto seus marinheiros embarcavam para os Estados Unidos a fim de obterem o treinamento indispensável para guarnecer as novas unidades que seriam cedidas à Marinha Brasileira. Vimo-lo apertando a mão de cada um desses marinheiros, desejando-lhes feliz viagem e êxito nos estudos.

Apreciamos, no convívio como cidadão, que marido dedicado é para a encantadora esposa e que pai extremado para os belos filhos; conhecemos o Almirante Ary Parreiras como um exemplo; como um bom pai, um bom marido, um bom soldado, um bom marinheiro, um patriota e, acima de tudo, um ser humano.

Nós notamos como eram os cabelos do Almirante quando aqui chegou há quasi quatro anos e como estão agora. E por isso, e pelo contacto diário que com ele tivemos, sabemos que ele dispendeu sua saúde, a melhor parte de sua energia e espírito para manter acesa a chama das Democracias que tenue e periclitante nos dias de perigo, mas nunca extinta, cresceu e se incendiou, transformando-se na tocha da vitória que hoje varre a Europa os últimos redutos do nazi-facismo.

E lembramo-nos agora que o Almirante Parreiras vai deixar-nos, das palavras do Major General Walsh, antigo Comandante supremo das Forças Americanas no Brasil, quando se referia ao diretor da Base Naval de Natal:

— “QUE PERSONALIDADE E QUE CARATER! QUE FORÇA DINÂMICA PARA UM HOMEM! NOTÁVEL!”

O Almirante, agora deixa Natal. O testemunho imperecível de sua obra como profissional é a Base Grandiosa que se ergue às margens do Potengi. O testemunho eterno de sua nobresa como cidadão é a amizade que deixa em nossos corações.

Nós, americanos de Natal, não podemos dizer “adeus” ao Almirante Ary Parreiras. Ele está em nossos corações. E, se pessoalmente não o tornaremos a ver, encontra-nos-emos sem-

pre com a sua lembrança que guardamos com apreço e estima. Por isso, a nossa despedida é um simples "Até logo".
"Até logo, Almirante Ary Parreiras. Deus abençoe V. Excia."

A REPÚBLICA – 24/04/1945

HOMENAGENS PRESTADAS AO ALMIRANTE ARI PARREIRAS
O ALMOÇO OFERECIDO PELO INTERVENTOR FEDERAL NA
VILA POTIGUAR – A HOMENAGEM DE HOJE DO COMANDANTE
DO DESTACAMENTO DE NATAL NA ESCOLA DOMÉSTICA.

Deverá viajar hoje de avião para o Rio de Janeiro o exmo. almirante Ari Parreiras, a quem foi concedida recentemente dispensa do cargo de diretor da Base Naval de Natal, cuja construção foi por s. excia. iniciada há quatro anos e se acha praticamente concluída.

Demorando-se alguns dias em Natal, o almirante Parreiras tem recebido as mais expressivas demonstrações de reconhecimento de parte do governo do Estado, da guarnição federal, das forças norte-americanas, de instituições e da população em geral.

Além das homenagens recebidas o sr. General Fernandes Dantas ofereceu domingo às 13 horas um almoço íntimo ao almirante Ari Parreiras, na Vila Potiguar, comparecendo sr. Interventor Federal o sr. Almirante Parreiras, e os srs. general Mário Ramos, comandante do Destacamento de Natal, desembargador Dionísio Filgueira, secretário geral do Estado, desembargador Sival Moreira Dias, presidente do Tribunal de Apelação, capitão de mar e guerra Jerônimo Gonçalves, diretor da Base Naval, coronel Luiz Tavares Guerreiro, presidente do Conselho Administrativo, major aviador Lizzaraldi, comandante da Base Aérea dr. José Varela, prefeito da capital, coronel Léo Post, comandante da Base Aérea Norte Americana, dr. José Emerenciano, chefe de Polícia tenente coronel Hermes Portela, comandante do 14º Grupo de Artilharia de Dorso, tenente coronel Enedino de Carvalho, comandante do 16º R.I. tenente coronel Edgar Alves Maia, comandante do 3/5 Regimento de Artilharia Anti-Aérea, professor Severino Bezerra, diretor geral de Educação, major Rubens Guilherme de Almeida, comandante do 2º G.M.A.C., dr. Alferes Galdino, diretor geral de Saúde, major Aluísio Moura, chefe da 24ª C.M. sr. Gilberto Santos Moreira, diretor geral da Fazenda, capitão-tte. Pedro Borges Lynch sr. Adherbal França, diretor do DEIP, capitão tenente Raul Leonardo do Rego Barros, assistente do comando da Base de Naval, sr. Osman Matos, diretor presidente do Banco do Rio G. do Norte, tenente

José Gurjão Neto, capitão Júlio Pinheiro, ajudante de ordens do Interventor Federal e sr. Mário Brusque, fiscal do Imposto de Consumo.

O almoço, servido no pátio lateral da residência do chefe do Governo, decorreu na mais distinta cordialidade, sendo ao champagne o almirante Ari Parreiras saudado pelo General Fernandes Dantas que pronunciou as seguintes palavras:

Prezado Camarada Almirante
Ari Parreiras
Meus senhores

No momento em que V. excia. se afasta desta cidade, no cumprimento de determinação superior de nossa Marinha de Guerra, e por ter transmitido no Comandante Jerônimo Gonçalves, o comando da Base Naval de Natal, quero expressar em meu nome e no do povo de minha terra, a gratidão de que V. Excia. se fez credor, pelos relevantes serviços aqui executados, com grandes proveitos para a eficiência de nossa Marinha de Guerra, concorrendo também, de forma marcante, com a construção modelar dessa base naval para o progresso de nossa capital e do nosso Estado.

Não foi somente com o magnífico desempenho dessa missão militar, que V. Excia. se impôs à nossa admiração e respeito, mas também como homem de sociedade, que revelou aprimoradas qualidades de verdadeiro gentleman, cativando a todos que de sua respeitável e marcial figura se acercavam, contrastando até, a sua máscula envergadura de homem do mar, com a brandura e delicadeza de suas expressões, sempre atencioso e bem humorado.

O nome de V.Excia. será sempre lembrado no Rio G. do Norte como o de um benfeitor emérito, que soube conquistar a simpatia, o respeito e a admiração do nosso povo, pelas suas elevadas e já tradicionais virtudes de honradez, capacidade invulgar de trabalhador silencioso e fecundo — apanágio dos grandes vultos militares de nossa Pátria.

Honrou, assim V. Excia. as tradições de Barroso, Tamandaré e outros, cujos nomes são sempre rememorados com respeito e unção.

Formulo votos sinceros para que em outra elevada missão que seja confiada a V.Excia. encontre sempre êxitos compensadores, o que nos autorizam a augurar — seu passado e sua folha de serviços à Marinha e ao Brasil.

Neste almoço íntimo em que homenageio o Almirante Ari Parreiras, sem as galas e retumbancias de um banquete — apenas com a singeleza da intimidade do meu lar — ergo a minha taça

pela felicidade de V.Excia. e família, pela cordialidade, que espero não seja diminuída, com o Comandante Jerônimo Gonçalves, pela eficiência das nossas forças armadas, pela felicidade, com ordem e paz, do BRASIL.

Ergueu-se o Almirante Parreiras, que se achava ao lado do Interventor Federal, e em frases simples e sinceras, exprimiu o seu reconhecimento ao governo, às instituições e ao povo do Rio Grande do Norte pela cooperação que prestaram para o êxito de sua missão em Natal, manifestando ao General Dantas e esposa a grata lembrança da cordial conveniência que lhe proporcionaram. Apresentando as suas despedidas, s. excla. o fazia satisfeito pelo que pudera realizar em bem do Rio Grande do Norte, onde cumprira a última missão militar de sua carreira.

Após demorada palestra na varanda da Vila Potiguar, o almirante Parreiras, acompanhado do comandante Jerônimo Gonçalves e de seus assistentes militares, renovou as suas despedidas aos presentes e à família do General Fernandes Dantas, retirando-se para a sua residência.

O ALMOÇO DE HOJE NA ESCOLA DOMÉSTICA

O comandante do Destacamento de Natal, general Mário Ramos e seus oficiais, numa demonstração de estima e apreço ao almirante Ari Parreiras, oferecem hoje a s. excia. um almoço na Escola Doméstica, às 12 horas, devendo participar também autoridades civis e militares especialmente convidadas.

O ALMIRANTE ARI PARREIRAS DESPEDE-SE DO DEIP

Ontem às 14 horas o diretor do DEIP recebeu a visita de despedida do sr. Almirante Ari Parreiras, que estava acompanhado do seu assistente, capitão tenente Pedro Borges Lynch. S. excia. agradeceu a colaboração do Departamento de Imprensa e d'A REPÚBLICA durante a missão militar que acaba de cumprir nesta capital, solicitando que transmitíssemos ao povo do Rio Grande do Norte as suas despedidas e também o seu reconhecimento pela contribuição com que sempre contou durante a sua permanência em Natal.

DEVERÁ VIAJAR HOJE O ALMIRANTE ARI PARREIRAS

Ainda hoje, após o almoço da Escola Doméstica, o Almirante Ari Parreiras deverá tomar um avião com destino ao Rio de Janeiro, realizando uma pequena demora em Recife.

HOMENAGEM DO COMANDO DO DESTACAMENTO DE NATAL
AO ALMIRANTE ARI PARREIRAS
DECORREU BRILHANTE O ALMOÇO NA ESCOLA DOMÉSTICA

Foi uma brilhante manifestação de apreço e despedida a que prestou terça-feira o sr. comandante do Destacamento de Natal, general Mário Ramos e seu Estado Maior ao sr. Almirante Ari Parreiras, que deixando a direção da Base Nava deveria seguir naquele mesmo dia para o Rio de Janeiro, onde vai residir.

Essa homenagem constou de um almoço na Escola Doméstica, ao meio dia, ao qual compareceram o sr. Interventor Federal general Fernandes Dantas, almirante Ari Parreiras, tenente coronel Hermes de Melo Portela, representante do general Mário Ramos capitão de mar e guerra Jerônimo Gonçalves, diretor da Base Naval, desembargador Dionísio Filgueira, secretário geral do Estado, desembargador Sinval Moreira Dias, presidente do Tribunal de Apelação, dr. José Varela, prefeito de Natal, capitão de mar e guerra Mário Lopes Ipiranga dos Guaranis, coronel Luis Tavares Guerreiro, presidente do Conselho Administrativo, monsenhor João da Matha Paiva, representante do revmo bispo diocesano, tenente coronel Edgar Alves Maia, comandante do 13 R.A.Aé., major aviador Salvador Lizarald, comandante da Base Aérea da F.A.B., comandante Lawrence Furcolow, da Base Americana em Parnamirim, tenente coronel Eneidino Carvalho, comandante do 16 R.I., sr. Carlos Lamas, cônsul do Chile, sr. Robert Corrigan, consul norte americano, comandante Manoel Corbea, Observador Naval, dr. Varela Santiago, presidente da Liga de Ensino, professor Severino Bezerra, diretor da Educação, dr. Alferes Galdino, diretor da Saúde, cap. de corveta José Luís de Araújo Goiano, major José Nogueira de Abreu Chagas, major José Venturelli Sobrinho, sr. Aderbal França, major Rubens Guilherme de Almeida, comandante João Coêlho de Souza, major Aluísio Andrade Moura, cap. tenente

José Ribeiro Duarte, major Emídio Nogueira Lima, comandante Oliver Stockwell, major Ari Saldanha da Costa, capitão Aníbal Medina Azevedo, dr. Edilson Varela, comandante Carlos Frederico da Cunha, major Carlos Furr, comandante Rêgo Barros, sr. Mário Lira, capitão Bitencourt Loureiro, capitão Francisco das Chagas Melo, capitão Júlio Pinheiro, tenente Higino Corsetti, tenente Gurjão Neto.

Ao champagne o tenente coronel Hermes Portela, em nome do sr. General Mário Ramos, que não pode comparecer por motivo de viagem urgente a Recife, declarou que o assistente de s. excia. major Venturelli Sobrinho iria ler o discurso escrito pelo general Mário Ramos de saudação ao almirante Parreiras, o que este oficial fez, terminando sob uma salva de palmas. Foi o seguinte o discurso do comandante do Destacamento de Natal:

“Aqui estamos nós, Exmo. Snr. Almirante Ary Parreiras, Comandante e Oficiais do Destacamento do Exército em Natal, num convívio amistoso e permanente, unísono com as magnas autoridades nacionais e estrangeiras, para render a nossa homenagem de respeito, admiração e saudade no momento exato em que V.Excia. deixa as margens do Potengi em busca de outras comissões árduas e nobres, tão ao sabor de sua personalidade de marinheiro e patriota.

O alto sentido de camaradagem militar, mantido permanentemente nesses anos de guerra, entre nossas forças, foi possibilitado e foi facilitado de muito, graças às qualidades pessoais de V.Excia. que, pelo seu porte fidalgo, atitudes firmes, ponderadas e absolutamente leais ao dever militar, criaram a atmosfera de confiança e respeito mútuo, dentro da qual temos vivido, trabalhando em pról da grandeza da Pátria.

O agigantado trabalho realizado em tempo exíguo por V. Excia. dando-nos uma Base Naval onde abrigar e abastecer os nossos navios de guerra que deviam comboiar os navios mercantes e garantir a inviolabilidade das águas nordestinas contra insidiosos inimigos, revelou desde logo a todos nós a alta capacidade técnica e as admiráveis qualidades de administrador de V.Excia.

Não foi, pois, de admirar a bela e significativa homenagem, que tivemos a felicidade de assistir, prestada a V.Excia., ainda outro dia, na Base, por quantos deram o concurso de seus braços e o de sua inteligência no delineamento e execução da obra admirável que é o fruto do esforço e da tenacidade de propósito de V.Excia. em realiza-la em tempo útil ao cumprimento da missão recebida. E se assim me expresso é porque somos admiradores dos feitos de nossa Marinha de Guerra, no passado como no presente, sentindo sempre na sua grandesa

uma garantia demais eficiente e plena colaboração no presente e no futuro, como já a tivemos no passado, para a glória de nossas armas.

Árdua foi a tarefa executada por V.Excia., bem o sabemos, e ainda outros desdobramentos em constante ampliação deverão ser realizados, mas o exemplo de trabalho contínuo e de direção ímpar que V.Excia. aqui deixa, será mais um estímulo e mais uma responsabilidade para seu digno substituto, portador de uma folha de serviços que o enobrecem como marinheiro e que terá, assim, também a sua oportunidade de atingir, com galhardia, a meta desejada, colhendo por sua vez as homenagens dessa boa gente potiguar.

Quanto a nós, soldados do Brasil, testemunhas do labor quotidiano de vossos oficiais, marinheiros, operários e fuzileiros, no acabamento e aprimoramento dessa importante obra, que é a Base Naval de Natal, nos obrigamos de tornar público, neste instante, como o fazemos, a nossa administração e o nosso afeto ao Chefe insigne que parte e aos seus dignos auxiliares. E ainda mais avulta esse sentimento que ora exteriorizamos se atentarmos à cooperação mútua e estima confortadora que sempre ligaram: os chefes e as forças do Exército e da nossa Marinha de Guerra, o que representa um seguro penhor de dias prósperos e tranquilo para a nossa pátria, com a indispensável colaboração também, de nossas valorosas forças aéreas.

Muito pensadamente, senhor Almirante, escolhemos este ambiente de trabalho anônimo, mas valioso e também de estudo, que é a Escola Doméstica, para homenagear V. Excia. símbolo vivo da inteligência e do trabalho ao serviço de uma grande obra.

Ao pulsar de nossos corações em unísono com os corações juvenis da terra potiguar, nossas palavras adquirirão, estamos certos, uma nova expressão, mais completa de amizade e carinho com que expressamos a V. Excia., senhor Almirante Ary Parreiras, os nossos mais profundos agradecimentos pelas provas de estima e de consideração com que fomos sempre distinguidos.

E ao partir dentro em pouco, para o coração do Brasil onde nova e honrosa comissão o aguarda, formulamos nossos melhores votos para que possa V.Excia., com a inspiração feliz de sua Exma. esposa, concorrer ainda mais com o seu saber e a sua experiência para dias mais felizes a que tem direito a nossa estremecida Pátria".

Em resposta, o almirante Ari Parreiras disse que sensibilizado agradecia a homenagem, lamentando que uma circuns-

tância imperiosa ausentar-se o general Mário Ramos daquela solenidade, pedindo ao seu substituto para transmitir-lhe o penhor de sua gratidão. Trabalhando há quatro anos em estreita cooperação com o Exército e Aeronáutica, com brasileiros e americanos, aprendeu a admirá-los, sentindo-se cada vez mais ligado ao Exército por elementos que estiveram em lutas memoráveis para que o Brasil criasse uma democracia em que o representante do povo fosse escolhido pelo povo. Afastando-se da missão militar que lhe fôra confiada, cria ter à pátria o melhor de seus esforços. E se algum prêmio aspirava pelo trabalho realizado já o havia conseguido pelas demonstrações do governo do Estado e das classes armadas. Referindo-se à Escola Doméstica, escolha de donas de casa e de cultura, apresentou à sua diretora e aos corpos docente e discente o testemunho de sua gratidão. Aos camaradas do Exército reafirmava com eles marcharia para onde o Brasil exigisse o seu esforço e seu patriotismo.

Terminando o almoço, demoraram-se todos no pátio da Escola em palestra, sendo nessa ocasião o almirante Parreiras homenageado pelas alunas da Escola, que lhe ofereceram com uma salva de palmas um bouquet de orquídeas.

VIAJOU O ALMIRANTE ARI PARREIRAS

Depois do almoço da Escola Doméstica, o almirante Ari Parreiras dirigiu-se para Parnamirim, afim de tomar o avião da Panair que o conduziu momentos depois a Recife, onde se demorará. Compareceram ao seu embarque o General Fernandes Dantas, comandante Jerônimo Gonçalves, outras altas patentes militares e autoridades civis.

A REPÚBLICA — 03/05/1945

